

A TERRITORIALIDADE DOS SIGNOS, DERIVA/TRANSURBÂNCIA E AS FORMAS DE ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA

Marcio Mendes Rocha

Doutor em Geografia Humana, Professor da Universidade Estadual de Maringá e coordenador do Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização - NEMO
mmrocha@uem.br

RESUMO: Dando continuidade aos estudos iniciados no primeiro artigo da trilogia “A espacialidade das formas narrativas: entre ficção e realidade”, estudo intitulado “A narrativa e o contexto na produção dos Mosaicos Territoriais”. Temos que do primeiro artigo para este, transitamos de uma análise sobre a reprodução da narrativa e suas dimensões, trilhando um caminho para entender a lógica que reproduz o conhecimento na sociedade contemporânea, um conhecimento ideologizado. A questão da ideologia aparece e transita para este artigo fundamentada mais nos estudos semióticos de Umberto Eco e Michel Foucault. Para entender esta dimensão simbólica do espaço, buscamos a deriva e a transurbância como estratégia para a compreensão do que estamos denominando de *urbano real*. Partindo das ideias de Guy Debord e Francesco Careri é apresentado um breve histórico sobre a produção do espaço, desde o neolítico, considerando os percursos, as errâncias, as derivas e as transurbância como formas do homem se manifestar no espaço. Por último tratamos da ideia de “sociedade espetáculo” como forma crítica de perceber as estratégias do capital para criar uma ilusão do espaço vivido a partir das mídias e do mercado, ratificando com esta análise a importância da Deriva/Transurbância como forma crítica de apreensão do urbano real.

Palavra-chave: Urbano real; Deriva; Transurbância; Signos; Território.

LA TERRITORIALITE DES SIGNES, DÉRIVE / TRANSURBANCE ET LES FORMES DE SPECTACULARISATION DE LA VIE.

RÉSUMÉ: Poursuivant les études initiées dans le premier article de la trilogie "La spatialité des formes narratives: entre fiction et réalité", un étude intitulée "Le récit et le contexte de la

production des mosaïques territoriales". Depuis le premier article, nous passons d'une analyse sur la reproduction du récit et de ses dimensions, en traçant un chemin pour comprendre la logique qui reproduit le savoir dans la société contemporaine, un savoir idéologique. La question de l'idéologie apparaît et transite dans cet article plus ancré dans les études sémiotiques d'Umberto Eco et de Michel Foucault. Pour comprendre cette dimension symbolique de l'espace, nous recherchons la dérive et la transurbance comme stratégie pour comprendre ce que j'appelle le *urbain réel*. À partir des idées de Guy Debord et de Francesco Careri, une brève histoire est développée sur la production de l'espace à partir du néolithique, en considérant les itinéraires, les errances, les dérives et la transurbance comme moyen pour les homme de se manifester dans l'espace. Enfin, nous considérons l'idée de "société du spectacle" comme un moyen essentiel de percevoir les stratégies du capital pour créer une illusion de l'espace vécu par les médias et le marché, ce qui confirme l'importance de Drift / Transurbance comme forme critique d'appréhension de *l'urbain réel*.

Mots clés: Urbain réel; Derive; Transurbance; Signes; Territoire.

1.INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta 4 eixos que serão tratados. O primeiro eixo diz respeito ao conceito e a definição de *signo*, as raízes territoriais da narrativa e seu processo de produção no contexto social. Um segundo aspecto trata dos contatos, das dialogias possíveis para a operacionalização e viabilização da narrativa, diferenciando as dialogias ser/ser e ser/máquina, isso no contexto de uma sociedade globalizada, virtualizada. Na sociedade da informação, dos fluxos, as dialogias pessoais e virtuais estão presentes no processo de produção do espaço na contemporaneidade. Este espaço apresenta uma complexidade intensa. Esta intensidade nos leva à ideia de *mosaico territorial* com o estabelecimento de sub territórios no processo de produção do espaço. Ocorre a necessidade de dimensionar estes sub territórios que são hegemônicos e contra hegemônicos, que estabelecem relações de ordem global e local. Neste sentido, apresentamos uma análise da estrutura narrativa e sua complexidade nas relações sociais, quais tipos de narrativas e de que maneira engendram-se no contexto de uma ação multimidiáticas e como estas novas ferramentas de comunicação são absorvidas pela sociedade. Um segundo eixo a ser tratado é o espaço da linguagem, a formação das línguas e os dialetos e sua importância na formação e perpetuação dos grupos humanos e o aparecimento da linguagem como discurso. Com o desenvolvimento das

estruturas gramaticais das línguas, temos a construção mais sistemática do discurso. Estes discursos operacionalizam o processo de produção do espaço a partir de uma multiplicidade de narrativas, determinadas pela conflitualidade do social. Trata-se, com um certo detalhamento, o campo semiótico como sistema. Esta sistematização e ordenamento levou à construção das ideologias no processo de reprodução da narrativa. Desta narrativa ideologizada, observamos a criação da ilusão do real, que será tratada a seguir. O terceiro eixo investiga a espetacularização do urbano, com suas transformações arquitetônicas e as mobilidades humanas. Uma leitura crítica deste processo de espetacularização nos leva para uma forma de apropriação do urbano diferenciada, que possibilita um novo horizonte, que seria a *deriva*. O agente da deriva abre seu inconsciente para compreender os valores percebidos no percurso o que Debord denomina de *perspectiva psicogeográfica*, e despe-se o quanto possível, de normativa e padronizações que obscurem a compreensão do real. Analisando uma proposta que trata destas ações, fazemos alusão ao projeto “Nova Babilônia”, uma cidade utópica, onde se vive e se cria. A mobilidade dos homens e a história dos percursos é apresentada de forma sucinta, nos dando pistas para os projetos de deriva/transurbância.

Terminamos trazendo um delineamento do conceito de “sociedade espetáculo”, desenvolvido por Guy Debord, contextualizando alguns pontos no contexto do neoliberalismo totalitário que vivemos hoje.

2. A SEMIÓTICA: SUA LINGUAGEM, SUA TERRITORIALIDADE

A semiótica, como estudo do *signo*, desvenda os mistérios da palavra, da narrativa, sua força, sua autonomia, bem como diferencia o narrador, o autor, o personagem. Tudo isso apresenta uma espacialidade histórica, na constituição e consolidação das linguagens pelo mundo. As sociedades, ditas primitivas (por não ter uma melhor conceituação) geram os signos, aperfeiçoando a comunicação e universalizando o conhecimento. Aonde isso aconteceu e em que momento, nos dá uma referência, um norte para melhor compreender o processo civilizatório. Observamos temporalidades diferenciadas quanto ao processo de consolidação da linguagem dos grupos humanos. Uma especulação passível de verificação é a relação dialética do processo de

apropriação da natureza pelo homem. A luta pela sobrevivência e a complexidade que isso significa, levou ao aprimoramento da linguagem e da comunicação. Comunidades que se apropriam de um dado território, consolidam suas raízes culturais, e constroem, com isso, particularidades e especificidades. Quão mais velha a comunidade, maior a qualidade da comunicação mais termos próprios, e acentos no falar a língua oficial. Muitas comunidades constituíram seus dialetos que foram mantidos até os dias de hoje. Portanto, a construção histórica das línguas e dialetos sofrem um efeito cumulativo dos espaços historicamente produzidos. Faço alusão aqui à dimensão do tempo. O tempo transforma os conteúdos do continente, portanto, o contexto, a conjuntura, determinam qualidades diferenciadas na constituição e desenvolvimento da linguagem. As narrativas apresentam raízes territoriais. Sua veiculação se dá no espaço físico, na materialidade dos contatos seja ser/ser ou ser/máquina. Pode ocorrer numa quermesse na festa de São João entre várias pessoas, ou num quarto em seu desktop, portanto existem território em várias escalas e com qualidades diferentes para a construção da narrativa. Se observarmos na escala nacional/global percebemos a existência de um *Mosaico Territorial*. Entendendo o mosaico territorial como um conjunto de sub territórios, referenciado pelo Estado nacional, o Estado/Nação, completamente globalizado na sociedade contemporânea. São poderes delineados territorialmente com diversas matizes e escalas. Podendo ser dimensionado em dois eixos: O território legal hegemônico e os territórios contra hegemônicos, lugar de resistência. O mosaico territorial é o resultado espaço/temporal dos poderes que se manifestam na sociedade. De origens, qualidade, quantidades, e amplitudes diferenciadas. O mosaico é uma leitura regional possível de compreender a unidade que se constitui desta diversidade e desigualdade. Considerando a dinâmica do desenvolvimento geográfico desigual a partir do *ajuste espacial*¹, podemos espacializar, utilizando de representação gráfica, por exemplo, as conflitualidades territoriais reproduzida pelo processo de produção do espaço. Para delinear o mosaico territorial, quatro categorias fundamentais devem ser consideradas, quais sejam: a semiótica em si, a dimensão da linguagem, a dimensão do território, e a dimensão da narrativa. Todos os eixos se articulam. No âmbito da territorialidade, há que se considerar o espaço produzido, as fronteiras, e a dimensão política do espaço. No que

¹ Para uma melhor compreensão sobre *ajusta espacial* consultar apontamento 5519 em Revista Percurso – V 11 N^o 01 – 2019.

concerne à narrativa, temos 3 aspectos a serem considerados: a imagem, a escrita e a fala. Na narrativa imagética, temos 3 dimensões a serem consideradas, a vidiática, a pictográfica e a fotográfica. Quanto à narrativa escrita consideramos 3 formas relevantes de: poesia; prosa, relato. A narrativa falada apresenta dois aspectos a serem considerados, a oralidade, a dimensão sonora (homem/natureza). No que concerne ao conceito de linguagem, apresentamos 3 eixos: “a linguagem do corpo e da mente; “a língua, o dialeto e sua apropriação ideológica”; “a linguagem encravada no espaço, o lugar. Na medida que o território reproduz a territorialidade das relações sociais, entende-se que está intrínseco a este processo, a conflitualidade. Daí o conceito de espaço produzido encaixar na construção explicativa, pois o processo de produção do espaço já nos traz as determinações sócio/político/econômicas na transformação do espaço e da mobilidade dos homens, nascendo o processo de urbanização capitalista. Analisando o espaço pela dimensão do território, a noção de fronteira é fundamental, ou seja, o limite de controle político do espaço. Existe uma materialidade, uma objetividade histórica determinada neste limite. Mas também este limite é gerenciado, estabelecido, delineado de forma virtual por ações de intervenção, que apresenta como matriz a *decisão virtual*. As fronteiras no mundo globalizado se transformam, pulverizam numa complexidade nunca vista. A intensificação da integração planetária gera regulações complexas nas fronteiras. Desde o livre acesso nos blocos econômicos, até processos radicais de restrição, como na fronteira do México com os EUA. A mescla das culturas numa sociedade global aparece de forma intensificada e se materializam pelos processos migratórios, pela macro mobilidade física. Esta mescla de culturas produz uma narrativa complexa no social, aliada aos novos canais multimidiáticos. A narrativa flui nos diversos *grupos sociais*, carregada de conflitualidades ideológicas de valores diversos e dispersos.

3. O ESPAÇO DA LINGUAGEM

A linguagem impacta no espaço do corpo, subjetivado, que produz o espaço social, objetivado. O mundo fictício e o mundo real se mesclam no viver dos homens que constroem, a partir da linguagem as possibilidades de estabelecer relações dialógicas, se apropriando do mundo, das coisas, do homem. A representação do mundo, seu aspecto ideológico, a subjetivação na percepção do real, são processos que dão o amálgama para a construção do conhecimento

humano. A linguagem possibilita a construção de várias representações. Foucault, em “As palavras e as coisas”, apresenta uma perspectiva genealógica das ciências humanas, da construção do conhecimento. Para ele a representação do mundo apresentou inúmeras formas de subjetivação nos diferentes contextos e diferentes circunstâncias, trata-se da representação vista a partir de um sujeito concreto, histórico, numa determinada circunstância. Foucault trata do saber como *episteme*, ou seja, como se constrói uma verdade a partir de um conjunto de saberes, que se operacionaliza a partir do discurso. O discurso apresenta para este autor duas dimensões: a) a forma, que é a língua e b) o conteúdo, que apresenta contexto, ideologia, e, principalmente, poder. *Episteme* diz respeito a “conjuntos de conhecimentos” que visam a “produção de saberes”. A modernidade se constitui por inúmeras epistemes que repassam suas verdades, as hegemônicas, que controlam os meios de comunicação e, conseqüentemente as pessoas, e as contra hegemônicas, as resistências populares que se mobilizam em seus territórios. É no livro “As palavras e as coisas” que se tem os primeiros esboços da noção de arqueologia do saber. As palavras deixam de ser semelhantes às coisas. Ocorre uma ruptura da episteme da era clássica, para a moderna e desta para a pós modernidade. O discurso, segundo o autor, é uma forma domada da linguagem. Derivada do uso da palavra, elas, as palavras, estão implicadas e estabelecem relações de forças múltiplas, disputas pela verdade, a partir de estratégias. Existe um discurso hegemônico, balizador da manutenção e perpetuação do poder. Cabe observar que todo poder, cessa num dado momento, de exercê-lo, seja por contra posição, seja por ausência de comunicação.

O discurso produz uma ordem de normalidade e de verdades. Ele as faz circular, produzindo subjetividades. A linguagem guarda a chave da verdade do discurso. Cada época possui seus próprios dispositivos, seus pressupostos, suas regras e suas naturalizações que produzem uma ideologia. Para Foucault as palavras são sempre examinadas a partir de seus valores representativos como elementos virtuais do discurso, aonde sua norma apresenta um modo de ser para todos. Considerando a forma pura de uma palavra, todas as palavras de uma língua são portadoras de um significado escondido, mais ou menos derivado. No entanto, sua razão primitiva de ser reside em um significado inicial, seja ele mítico ou não. Foucault discute que mesmo em línguas diferentes, existe algo em comum, a *flexão*. Na história das comunicações humanas formaram-se os troncos linguísticos, que desdobraram processos de apropriação

regional desta base, formando novas línguas, dialetos e acentos que se originaram da Ásia, África, Europa, Américas e Oceania. Todos apresentam similitudes na *flexão gramatical*².

... quando nous voyons deux langues employer de la même manière ces grands procédés du langage, la dérivation, la composition, l'inflexion, nous pouvons en conclure que l'une derive de l'autre ou qu'elles sont toutes deux des dialectes d'une même langue primitive (FOUCAULT, 1966, p. 249).

Segundo Foucault, no século XVIII inicia-se uma importante análise do “valor representativo da linguagem”, tratando, mais particularmente, do discurso. Esta linguagem aparece através de sistemas de flexão. Como desdobramento dos estudos mais específicos dos sons e das representações das palavras, cria-se a *fonética*³.

A titre de conséquence première on peut noter l'apparition à la fin du XVIII^e siècle d'une phonétique qui n'est plus recherche des premières valeurs expressives, mais analyse de sons, de de leurs rapports et de leur transformation possible les uns dans les autres (FOUCAULT, 1966, p. 248).

Neste momento a *linguagem* é definida como *discurso*, como representação. As ideias, as coisas, os conhecimentos, os sentimentos, virão todos para formar na mesma proporção de suas mudanças, as unidades linguísticas. Foucault ressalta que ocorre o aparecimento de um mecanismo interior das línguas. Existe semelhanças entre as línguas. Que são portadores das identidades e diferenças, signo de vizinhança, marco de parentesco, se tornará, segundo Foucault, o “suporte da história”. Sobre a ideologia, temos no capítulo VII – Les limites de la représentation, do livro *Les mots et les choses*, um estudo sobre ideologia e a crítica. Analisando

² Na gramática, **flexão** ou inflexão é a modificação de uma palavra para expressar diferentes categorias **gramaticais**, como modo, tempo, voz, aspecto, pessoa, número, gênero e caso. A conjugação é a **flexão** dos verbos; a declinação é a **flexão** de substantivos, adjetivos e pronomes. (Wikipedia: acesso em 15/05/2019).

³ A **Fonética** é o ramo da **Linguística** que estuda a natureza física da produção e da percepção dos **sons** da **fala** humana.[1] Preocupa-se com a parte significante do signo linguístico e não com o seu conteúdo. (WIKIPÉDIA – acesso em 15/04/2019).

o final do século XVIII, Foucault observa a valorização do desejo, não só por ele em si, mas pelo *trabalho*, portanto sinaliza a centralidade do trabalho na reprodução dos signos e representações sociais produzidos pela narrativa. Segundo o autor este trabalho permite caracterizar um *ser natural*. As representações carregam em si, um valor político. Os signos para transmissão da informação são usados de forma seletiva, em função de interesses dos agentes reprodutores do discurso. Isto ocorrendo na conflitualidade social. Foucault remete a Kant por apresentar uma forma completa de análise sobre ideologia. Sua forma de produção e reprodução.

...l'ideologie, em étendent as réflexion sur tout le champ de la connaissance – depuis des impressions originales jusqu'à l'economie politique em passant par la logique, l'arithmétique, les Science de la nature et la grammaire-, essayait de reprendre dans la forme de la représentation cela même qui était em train de se constituer et de se reconstituer em dehors de celle-ci (FOUCAULT, 1966, p. 255).

Quando estas representações podem ser documentadas, Iniciamos *a história* da humanidade, que é o resultado de cada história pessoal dos indivíduos que habitaram o planeta. A história, para Foucault é a região mais erudita, mas informada, mas desperta, mas atravancada talvez de nossa memória; mas é igualmente a base a partir da qual todos os seres ganham uma existência e chegam a um brilho precário. Fala ele de brilho, um brilho precário. Por quê? Analisando o modo de produção vigente, esta precariedade se dá por conta das condições de classe, os processos de exploração da Força de Trabalho - FT e se reproduz em um modo de produção historicamente determinado o capitalista. Estas representações operadas pela linguagem em geral e pelo discurso em particular, guardam relação com o espaço geográfico, ela se materializa a partir das relações sociais, que são políticas. Os espaços são produzidos a partir de uma multiplicidade de narrativas (multiplicidades de fenômenos sógnicos, como apresenta Umberto Eco) que viabilizam as relações sociais, que são entendidas neste trabalho como relações de classes. Umberto Eco, um importante pensador sobre a semiótica, e a linguagem, nos guiará no processo de construção analítica entre linguagem e território. O autor nos apresenta uma base metodológica consistente para analisar a questão semiótica a partir da ideia de *campo*

semiótico e seu desdobramento como sistema. O autor busca transformar campo em sistema, a partir da formulação de um modelo de pesquisa, modelo dinâmico, que se transforma em função da complexidade das relações sociais que engendram o uso constante de signos. Dentro deste complexo de relações constituintes para o estudo dos signos, temos as ideologias. Estas se operam e se materializam pela narrativa que produz e transforma os espaços, que se acentua no contexto da sociedade da informação.

É assim, que tentaremos traçar, (mesmo que provisoriamente), os limites de uma pesquisa semiótica, sugerindo um método unificado que possa fazer frente aos diferentes fenômenos ... se a operação é coroada de sucesso, nosso modelo semiótico conseguirá salvaguardar a complexidade do campo dando uma estrutura, transformando assim, o campo em sistema (ECO: 1972, p. 12).

Na medida em que os elementos do campo de pesquisa apresentem uma existência objetiva, pois existe como aspecto da cultura, a estrutura do campo, tal como sistema, deve ser vista como uma *hipótese operacional*, esta é a estratégia metodológica que apresenta Umberto Eco, no contexto da multiplicidade dos fenômenos sígnicos. Quanto à produção das ideologias a partir dos signos, este saber prévio, este patrimônio de conhecimento do destinatário, que vemos frequentemente agir como um *catalizador semântico*, se apresenta como um resíduo extra semiótico, algo intrínseco ao indivíduo a interferir na produção dos signos, constituindo a narrativa. Para Umberto Eco, existe um saber prévio que pode escapar da estruturação no campo semântico. O saber individual, a experiência idiossincrática válida para um só sujeito. No entanto, quando se fala em ideologia, pressupomos uma visão de mundo na qual participam numerosos locutores, e mesmo toda uma sociedade. Esta visão constituída coletivamente cria o que o autor chama de *sistema semântico*, que apresenta uma maneira possível de dar forma ao mundo, é uma visão parcial do mundo, podendo ser teoricamente revisada cada vez que novas mensagens, que reestruturam semanticamente o código, introduzem novos caminhos conotativos, e, portanto, novas atribuições de valor. Definir esta visão particular do mundo, esta segmentação perspectiva da realidade significa definir a ideologia no senso marxista do termo, quer dizer, como *falsa*

consciência. Na perspectiva marxista, esta falsa consciência nasce como uma camuflagem teórica, como uma pretensão de objetividade científica, partindo de relações sociais concretas e de condições de vida dada, portanto, naturaliza-se a ideia. A ideologia é, neste caso uma mensagem que parte de uma descrição do fato, suportada por essa justificativa teórica, que é gradualmente adquirida pela sociedade como um elemento de código.

Un système sémantique em tant que vision du mond constitue donc une des manières possible de donner forme au monde. Il est une interpretation partielle du mond et peut être théoriquement révisée chaque foi que des nouveaux messages, en restructurant sémantiquement le code, y introduisent de nouvelles chaine connotatives et donc de nouvelles attributions de valeurs (ECO, 1968, p. 144).

As ideologias se reproduzem por uma narrativa seletiva, que apresenta intencionalidades subjacentes gerando dissimetrias na comunicação, levando a processos de polarização de classe. A construção do sujeito alienado é nutrida por uma interpretação ideológica do mundo veiculada pelo sistema. Marx e Engels, tecendo uma crítica ao idealismo alemão, referencia suas análises a partir das condições objetivas, concretas, históricas e não fruto de especulação idealista, nos apresenta, nesta análise as repercussões ideológicas de um pensamento especulativo como segue:

É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, a sublimações necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar este assunto, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, e na segunda, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência unicamente como sua consciência (MARX; ENGELS).

Entendendo as representações como um sistema sógnico que constrói uma narrativa com intencionalidades políticas, observamos, nas palavras de Engels uma preocupação de definir claramente a produção de ideias ligada à linguagem da vida real, diz ele:

A produção de ideias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanção direta do seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, religião, metafísica, etc., de um povo. São os homens que produzem as suas representações, as suas ideias, etc, mas os homens reais, atuantes e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico (ENGELS, 101-104).

Portanto, as ideologias que se reproduzem nos sistemas políticos criam uma ilusão do real, uma mediação que tem endereço certo, os interesses daqueles que controlam a informação e, conseqüentemente, a sociedade. No sistema produtivo capitalista a veiculação desta *ideia do mundo* se torna estruturante para a construção de seres alienados e cavadores de suas próprias covas. Para soltar estas amarras temos que buscar o *mundo real* em sua complexidade, para tanto temos que construir formas e métodos capazes de evocar esta realidade. Experiências como deriva urbana e transurbância vem sendo desenvolvidas desde o início do século XX até os dias de hoje. São práticas de perambulação pelo espaço geográfico, urbano, peri urbano, ou rururbano, buscando os não espaços, o lugar não revelado. No sub título que se segue, trataremos de compreender estas práticas e suas histórias.

4.A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA EM GUY DEBORD.

Debord relaciona os processos de espetacularização com a modernidade, ele escreve que toda vida das sociedades que reinam as condições modernas de produção, se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. E neste processo de acumulação o espetáculo é uma relação entre imagens e pessoas. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens, escreve Debord “O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o auto retrato do poder no momento da sua gestão totalitária das condições de existência” (2003, 21p.).

Marilena Chauí, 60 anos depois, define o capitalismo contemporâneo como neoliberalismo totalitário, aonde, no contexto da globalização, existe uma busca de homogeneização e padronização dos processos de produção, circulação e consumo, no sistema. Padronização na produção e polarização na partilha da renda. Concentração de capital em um número cada vez menos de pessoas e um crescimento da pobreza em todo o mundo. A especialização das imagens do mundo encontra-se realizada no mundo da imagem autonomizada. Debord percebe aquilo que hoje se torna mais evidente, que é a autonomização de processos fundamentalmente a partir da internet. A ubiquidade dos sistemas de conexão está propiciando que as máquinas decidam e definam, a partir de rotinas e algoritmos, imagens selecionadas. Guy Debord já sinalizava, na década de 1960, a midiatização das relações sociais, nos fala que o mundo se cindiu em realidades e imagens, mas a cisão nesta totalidade a mutila a ponto de parecer o espetáculo como sua finalidade, ou seja a reprodução do processo de alienação do homem, força de trabalho no capitalismo. O espetáculo é a afirmação da aparência.

À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário. O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que ao cabo não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono (DEBORD: 2003, 20p.).

Nestas condições aonde a aparência rege decisões humanas, a manipulação dos homens se torna fácil, possibilitando uma melhor exploração do trabalho pelo capital. Este processo se radicaliza com o totalitarismo neoliberal da contemporaneidade. Para Debord, o espetáculo

apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível e diz: “o que aparece é bom e o que é bom aparece.”, uma aceitação passiva sem réplica, pelo monopólio da aparência. A imagem, a superfície, o disfarce é que motiva este ser alienado das suas condições objetivas de existência. Lá onde o mundo real se converte em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivação para um comportamento hipnótico, alienante. O controle da informação e da veiculação da informação está presente nas relações sociais no contexto desta globocolonização que se reproduz na contemporaneidade. À medida que a necessidade é produzida e se encontra socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário e a necessidade se mercantiliza. É a mercantilização das relações sociais, engendrada pelo sistema produtivo. Guy Debord desenvolve sua produção intelectual pelo paradigma do Materialismo Histórico Geográfico, sinalizando a importância do papel do Estado na configuração de valores culturais que corroboram com o projeto dos grupos hegemônicos de poder. O autor nos diz que o espetáculo é inseparável do estado moderno, isto é, da forma geral da cisão na sociedade, produto da divisão do trabalho e aparelho da dominação de classe. O desvio é a ideia fluida da anti ideologia (trata aqui sobre a construção, pela crítica da resignificação de conceitos). Debord defende que a existência do teórico não é nada em si mesma e não tem que conhecer-se senão como ação histórica, ou seja, a ênfase na objetividade dos processos sociais. Os especialistas do poder do espetáculo, argumenta Debord, tem poder absoluto no interior do seu sistema de linguagem de mão única, estão absolutamente corrompidos pela sua experiência do desprezo e do êxito do desprezo; porque reencontram o seu desprezo confirmado pelo conhecimento do homem desprezível que é realmente o espectador. Aqui a crítica foi dupla. Para o produtor do espetáculo e para o espectador. A expressão “homem desprezível” faz crer que diz respeito a uma massa de manobra, população alienada, “defendendo a conversa do patrão” e tantos outros *inocentes úteis*. O conceito marxista de valor de uso e valor de signo aparecem, mesmo que indiretamente na reflexão de Debord. Diz ele que o mundo ao mesmo tempo presente e ausente, que o espetáculo apresenta, é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à *ocupação total* da vida social. Tudo isso é perfeitamente visível com relação à mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo. A produção econômica moderna estende a sua ditadura extensiva e intensivamente. Até mesmo nos lugares menos industrializados, o seu reino já se faz presente

com algumas mercadorias-vedetas, com a dominação imperialista comandando o desenvolvimento da produtividade. Nestas zonas avançadas, o espaço social é invadido por uma sobreposição contínuas de camadas geológicas de mercadorias. (DEBORD: 2003, 32.)

Mobilizando todo o uso humano e apoderando-se da sua satisfação. A mercadoria acabou por dirigir o uso dizia o autor. Baudrillard (2003) avança na análise do fenômeno das aparências na reprodução social e define o conceito de “valor de signo”. A unidade irreal que o espetáculo proclama é a máscara da divisão de classe sobre a qual repousa a unidade real do modo de produção capitalista. A máscara da divisão de classes é uma denúncia que Debord faz do capitalismo sobre a perspectiva marxista. O fundamento do pensamento de Debord se desenrola pela centralidade do trabalho como referência para a construção crítica da espetacularização da vida, para ele, na sociedade espetáculo o trabalho morto (alienado, objetivado em mercadoria) continua a dominar o trabalho vivo, livre, subjetivado pela potência produtiva humana.

5.OS PERCURSOS E A DERIVA/TRANSURBÂNCIA NA BUSCA DO URBANO REAL

O urbano construído, espetacularizado, vai apresentar uma imagem da cidade, não a cidade, com suas contradições, com seus processos de produção alternativa do espaço, das contra hegemonias. A perspectiva da deriva/transurbância, denominada doravante de “dt”, possibilita a percepção/compreensão da complexidade do espaço urbano. O espaço, o não espaço, o meio espaço que CARERI nos apresenta são ferramentas conceituais que possibilita o desvendamento desta cidade oculta, ocultada. Guy Debord em estudos anteriores aos estudos de Careri, trata de investigar o processo de espetacularização da vida no modo de produção capitalista, dando base para as estratégias dos situacionistas, grupo no qual Debort atuava, a partir das derivas urbanas.

As déambulations sem fim ou paradeiro dos surrealistas parisienses davam-se num líquido amniótico em que estava escondido o recalcado da cidade, um mar subconsciente que a nova ciência chamada psychogéographie deveria ter interpretado como a parte obscura da mente humana. Era o nascimento daquela prática que havia levado os situacionistas a teorizar o estudo da geografia urbana por meio da “derive”, esta também uma palavra de origem náutica, capaz de

expressar a ambiguidade do perder-se conscientemente, procurando dosar o desejo e o acaso, o racional e o irracional, o projeto e o antiprojeto. (Francesco Careri. *Caminhar e parar*. Locais do Kindle 330. Edição do Kindle).

A definição de deriva apresentada por Debort⁴ foi escrita em 1958. Para o autor, o conceito de deriva está indissolúvelmente ligado ao reconhecimento do efeito de uma natureza psicogeográfica, a partir de uma leitura multidisciplinar, e a afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, opondo-se às noções de viagens e passeios. Explica o autor que existe um *relevo psicogeográfico da cidade*, com correntes constantes de mobilidade humana, de pontos fixos e também turbilhões de ações e reações humanas, inscritos no território. Careri avança com a experiência dos situacionistas e de outras intervenções e desenvolve um estudo etnográfico importante sobre a origem da arquitetura no período neolítico considerando os percursos erráticos e posteriormente nômades, como o início da arquitetura, avançando até a antiguidade. Cria nestes estudos a apresentação de uma linguagem simbólica do espaço, propondo a *transurbância* como forma de observação crítica e intervenção no espaço. Careri nos trás um exemplo de resistência com o projeto de Constant Anton, participante do grupo dos situacionistas que propôs, em 1960, uma “cidade nômade”, o que levou ao seu desligamento do grupo, dado seu caráter utópico. Denominada de “Nova Babilônia”, a proposta era a constituição de uma cidade móvel para uma população nômade, propunha um mundo sem fronteiras. A Nova Babilônia seria uma construção coletiva em escala global e definida como uma cidade utópica.

Mas Nova Babilônia, antes de um modelo formal, seria interessante como "um modelo de reflexão e de jogo" e, por isso mesmo, utópico em seu sentido original de crítica ao presente através da visão futura, não passível de ser construído: um não lugar ou lugar nenhum. - Francesco Careri. *Walkscapes*: 1 (Locais do Kindle 105). Edição do Kindle.

Careri desenvolve uma reflexão crítica e entende que a mercantilização das relações sociais na urbe imprime um caráter utilitarista, norteado pela ideologia do consumo e reproduz a sociedade espetáculo, neste sentido, valoriza a ideia da Nova Babilônia.

⁴ Publicado na revista Internationale Situacioniste Nº 2 dec. 1958.

A cidade moderna está morta, vítima da utilidade. Nova Babilônia é um projeto de cidade onde se pode viver. E viver quer dizer criar - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 90). Edição do Kindle.

Para a prática da deriva/transurbância, temos que considerar a percepção do real em sua complexidade, é nesse momento que possibilitamos entender os não espaços, os guetos, e os percursos.

... os dissensos e conflitos urbanos não só são legítimos e necessários para a constituição da esfera pública e também dos espaços públicos, mas seria exatamente da permanência dessa tensão entre as diferenças não idealizadas nem pacificadas que dependeria a construção de uma cidade menos espetacular e mais lúdica e experimental. .- Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 143). Edição do Kindle.

Consequentemente mais democrática. A prática da “dt” possibilita politizar as relações entre habitantes e planejadores/pesquisadores, em sentido amplo (Representações do Estado; ONG`s; Institutos, Grupos e Núcleo de pesquisa; Pesquisadores individuais, etc. Careri entende o conceito de *transurbância* como o caminho que leva à pré-arquitetura, aos não lugares: ... transurbância é – como o tinha sido o percurso errático – uma espécie de pré-arquitetura da paisagem contemporânea. Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 323). Edição do Kindle.

Os percursos erráticos do homem pré-histórico transitaram nos últimos 10 mil anos de uma arquitetura de espaços vazios, tendo como produto arquitetônico os caminhos, os entroncamentos e os menires.⁵ Na perspectiva do estudo da relação entre narrativa e território o *percurso* é o conceito que trata da ação de formação dos lugares, integrando o tempo, o espaço e o homem.

Com o termo "percurso" indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e

⁵ A palavra menir foi adotada, através do francês, pelos arqueólogos do século XIX, com base nas palavras do Bretão, significando men = pedra e hir = longa.

o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa).- Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 331). Edição do Kindle.

Sobre a errância como ato humano, no contexto das ciências que estudam a mobilidade dos homens, esta noção não se referencia no erro, mas sim é vista como um valor de liberdade, de ruptura, de busca da cidade real, contraditória, conflituosa, alienante e discriminadora. A busca do *espaço entrópico*.

O que se quer é indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas. - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 351). Edição do Kindle.

Para Careri, considerando o período pré-histórico, o nomadismo é posterior à errância e já constitui traços do urbanismo, de ações antrópicas no território.

A cidade nômade é o próprio percurso, o sinal mais estável dentro do vazio, e a forma dessa cidade é a linha sinuosa desenhada pelo subseguir-se dos pontos em movimento. - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 464). Edição do Kindle.

A história da origem da humanidade se constrói no caminhar, nos percursos que se consolidam e deixam marcas, referência para outros homens, outras comunidades no curso da história. Este processo é que *qualifica os lugares*. A densidade do lugar ocorre diretamente do uso do espaço por sociedades humanas desde a pré-história. Denso em histórias contadas, em testemunhos arquitetônicos que se sobrepõe análogo a um perfil pedológico.

A história das origens da humanidade é uma história do caminhar, é uma história de migrações dos povos e de intercâmbios culturais e religiosos ocorridos ao longo de trajetos intercontinentais. - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 506). Edição do Kindle.

Sobre os movimentos que utilizaram o percurso como forma de produção de arte, projeta o arquétipo primitivo da errância para militar no espaço geográfico. Os surrealistas nos anos 1930 documentaram as primeiras experiências de errância pela cidade de Paris.

O percurso surrealista coloca-se fora do tempo, atravessa a infância do mundo e toma as formas arquetípicas da errância nos territórios empáticos do universo primitivo ... Os situacionistas exploravam o presente. “os momentos presentes, como um ponto no tempo, geram a história e projetam o futuro” “A nova beleza será de situação, vale dizer, provisória e vivida. “O

percurso errático volta a ser uma forma estética no campo das artes visuais.” - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 1285). Edição do Kindle. ⁶.

Emprestamos esta definição das atribuições da disciplina arquitetura, dadas por Careri, para dizer como os geógrafos também encampam estas categorias, porém com a ênfase no espaço, em sua totalidade. Nos estudos de Mobilidade Humana, o percurso, a transurbância, são estudos fundamentais para entender as motivações humanas para se deslocar no espaço.

Considerando também a arquitetura uma disciplina que atua num campo expandido próprio, deveremos encontrar dentro dele a escultura, a paisagem e o percurso. O seu campo de ação comum é a atividade de transformação simbólica do território. - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 1368). Edição do Kindle.

No grupo de imagens abaixo temos o mapa do vale Camonica (2019) e dois petroglifos da região que datam cerca de 2500 anos AC. Observa-se indicações de trajetos labirínticos, bem como a inscrição na rocha de uma malha que representa um traçado no solo, o início da arquitetura.



Figura 01 – Vale Camonica e dois petroglifos

⁶ A ideia do “ponto no tempo” apresenta similitude com o texto no blog - Márcio Rocha – intitulado “O sentido sentido”. - marciomrocha.wordpress.com

Uma referência ao deus KA em Vale Camonica. Observa-se em muitas inscrições rupestres a representação de homens com os braços estendidos para cima. É uma manifestação de paz e de adoração a KA.



Figura 02 – Referência ao deus KA no Vale Camonica

O símbolo “KA” é uma energia mística, um princípio, um elemento metafísico que acompanha a humanidade deste a pré-história, que segundo a tradição, permite assegurar a sobrevivência dos homens neste mundo e assegura uma outra vida após a morte física do homem. Segundo os egípcios, os deuses apresentam esta energia em abundância.

Ka é um símbolo antiquíssimo, é o companheiro de viagem dos primeiros homens do paleolítico por entre os labirintos de uma natureza ainda hostil, e está presente no mundo todo, desde a Escandinávia, até a Polinésia, ao México. Um gesto que, dos caçadores-catadores transferiu-se, depois, ao universo nômade das transumâncias dos pastores - Francesco Careri. *Caminhar e parar*. (Locais do Kindle 385). Edição do Kindle.

Desde a pré-história temos referência ao deus do Sol “KA”. Com os egípcios temos representações que fazem alusão a um deus da luz e do Sol. Abaixo uma representação espiritual.



<http://book-hdm.weebly.com/simbolos-egiacutepcios.html>

Como referência importante para a formação da *cidade nômade*, aparece os menires, que foram fundamentais. Deles irradiavam caminhos e trajetórias. O menir também é a primeira construção simbólica da crosta terrestre que transforma a paisagem de um estado natural a um estado artificial ... O menir contém em si a arquitetura a escultura e a paisagem. - Francesco Careri. *Walkscapes: 1* (Locais do Kindle 1368). Edição do Kindle.

Fica claro abaixo a concepção fenomenológica de Careri que estabelece a primazia do sujeito para com o objeto. A percepção do mundo como premissa para a formação da cultura e, conseqüentemente, a criação de categorias como paisagem e lugar. No entanto, cabe pontuar que as condições objetivas sempre são produzidas pelo homem e balizam a percepção. O movimento entre objetividade e subjetividade são indissociáveis. A história das ações humanas é o pressuposto para o desenvolvimento humano em toda a sua complexidade.

Segundo uma famosa definição de Benedetto Croce, a natureza em si não é paisagem, mas torna-se tal “passando a cabeça por baixo das pernas”, com uma ação cultural do olhar e com uma ação sobre o próprio corpo. Sempre me agradou este fato de inverter o lugar da cabeça, de colocá-la sob as pernas e ver de cabeça para baixo aquilo que antes via com a cabeça para cima. E imagino sempre Croce nessa posição, digamos, inusitada, nessa espécie de performance que permite mudar de ponto de vista, rebatê-lo fisicamente produzindo um novo sentido. Mas é importante afirmar que para perceber culturalmente um espaço é necessário realizar uma ação

sobre si próprio, sobre o próprio corpo. É justamente a ação sobre o próprio corpo que permite transformar a natureza em paisagem, o espaço em lugar. Tudo acontece num instante, num hic et nunc em que se cria um novo estado das coisas, em que se veem coisas de outra forma invisíveis e relações entre as coisas, que antes não existiam. O espaço muda sem que se o tenha ainda transformado fisicamente, antes ainda de desenhar nele uma linha, antes de haver nele concebido um objeto. Francesco Careri. Caminhar e parar . GG. Edição do Kindle. - (Locais do Kindle 1396).

Navegar, caminhar, perder-se, derivar, tem na sua essência, o encontro com o outro estrangeiro ou autóctone. Se sentir forasteiro ou estrangeiro, convivendo com outros estrangeiros e também autóctones. Para Careri este é o aspecto mais contemporâneo da *errância*. A deriva ou transurbância apresentam movimentos de mobilidade e imobilidade, de forma metafórica Careri escreve:

É importante navegar junto à costa e observar as paisagens, mas também entender onde descer a âncora, encontrar quem mora naquelas terras, descobrir estratégias para ir ao encontro dele, aprender a cumprimentar. - Francesco Careri. Caminhar e parar . GG. Edição do Kindle. - (Locais do Kindle 358).

Isso remete ao par dialético mobilidade/imobilidade. Criar raízes é o pressuposto fundamental do processo de urbanização. O ater-se, o aconchegar-se propicia uma dialogia importante para a consolidação dos laços humanos, e conseqüentemente a formação do urbano. Careri em 2005 montou um curso que sintetizava seu trabalho com transurbanismo e deriva. A busca do não-espaço, dos interstícios das urbes, buscando na mobilidade e mobilização de estudantes e outros a compreensão desta outra cidade.

... cívicas está no plural porque é transdisciplinar; a transformação da cidade não pode ser deixada apenas por conta dos urbanistas ou dos arquitetos, mas deve ser estendida a todas as ciências que se interessam pela cidade, logo também a antropólogos, geógrafos, sociólogos, biólogos. E junto com as ciências devem caminhar também as artes, sempre no plural: explorar a pé a cidade e penetrar em seus significados é uma arte tal como a escultura, a pintura, a arquitetura, mas também como a fotografia, o cinema, a poesia que nos contam muitas vezes com maior eficácia do que os urbanistas, os fenômenos mais dificilmente legíveis da cidade atual. - Francesco Careri. Caminhar e parar. GG. Edição do Kindle. - (Locais do Kindle 1136).

Buscamos uma ação contra hegemônica para a construção de uma cidade democrática. Com a deriva ou transurbância, preparamos o terreno para este rompimento. Existe uma conflitualidade na produção dos espaços que deve ser tocada, vivida, compartilhada com planejadores, estudantes e população.

Caminhar tornou-se o instrumento estético e científico que permite reconstruir o mapa em devir das transformações em curso, uma ação cognocitiva, capaz de acolher inclusive aquelas amnésias urbanas que, inconscientemente, apagamos de nossos mapas mentais porque não as reconhecemos como cidades.- Francesco Careri. Caminhar e parar . GG. Edição do Kindle. - (Locais do Kindle 1150).

Outro aspecto a ser considerado no que concerne a territorialidade da linguagem é a relação que se estabelece entre a formação dos centros urbanos e cidades e os *rituais sagrados*. Existe uma mobilidade de homens desde o neolítico para espaços sagrados, os menires é um exemplo. Além de estabelecer um ponto de convergência entre tribos, também eram utilizados para a adoração do Sol. Se caracterizava como um centro de adoração. A mobilização de pessoas para os centros (cidades religiosas, templos, etc), leva a uma transição do profano para o sagrado, do real para o místico. Um caminho árduo que é buscado com o fito de se transformar. As grandes romarias e a busca de redenção. Nicea Eliade, comentando sobre as peregrinações religiosas e sua importância para a formação da cidade, a partir dos percursos, escreve:

Le chemin est ardu, semé de peril, parce qu`il est, em fait, un rite de passage du profane au sacré; de l`éphémère et de l`illusoire à la réalité et à l`éternité; de la mort a l`avie; de l`homme à la divinité. L`accès au “centre” équivaut a une concécration, a une initiation; a une existence, hier. Profane et ilusoire, succede maintenant une nouvelle existence, réelle, durable et efficace.” (ELIADE: 1969, 31p.)

A linguagem religiosa se especializa e motiva as pessoas aos deslocamentos, e os centros se formam, quase sempre se tornam cidades, muitas cidades no mundo surgiram por conta desta mobilidade pelo sagrado. O sagrado, o profano, são dimensões balizadas por ideologias que delineiam a ação dos homens, que no curso da história vem sendo utilizada para o controle social, mascarando o real e o conflito. A perspectiva da deriva/transurbância possibilita uma prática de

desvendamento, de quebra do olhar treinado para uma cidade espetacular, possibilitando a criação de situações de ruptura da imagem ideologizada da cidade e de seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certa forma, derivamos por entre autores que pudessem trazer luz à relação dos conceitos de narrativa e território. Nos interstícios entre as teorias estudadas, foram expostas algumas ideias sínteses, buscando a compreensão desta relação. A descoberta da Deriva/Transurbância foi um alento que possibilitou uma verificação empírica do espaço urbano na sua dimensão mais real e conflituosa. Este trabalho não é conclusivo, é resultado de um processo de conhecimento e desvendamento da realidade que nos certa. Nossa nau em deriva se perde para se encontrar. Buscamos construir uma base analítica para compreender os percalços deste percurso trilhado pela sociedade em sua história.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Edições 70, 2003
- CARERI, Francesco e BONALDO, Frederico. **WALKSCAPES – o caminhar como prática estética**. Ed. GG jan. 2013. E-book KINDLE.
- CARERI, Francesco e BERNARDINI, Aurora F. **Caminhar e parar**. Ed. GG dez 2016 E-book KINDLE.
- D` ANGELO Biagio, *Espaces Topographies & imaginaires – écrits parisiense 2017-2018*, Paris, L'Harmattan, 2018, e-book.
- DEBORD, GUY. **A sociedade espetáculo**. São Paulo, Coletivo Periferia, 2003, 169 p. (versão digital em PDF).
- DEBRAY, Régis. **CIVILIZACIÓN, UMA GRAMÁTICA – Huella, influencia, império**. IN: NEW LEFT REVIEW 107 Nov. dic. Madrid, 2017. 37-49 p.
- ECO, Umberto, **La structure absente – Introduction à la recherche sémiotique**. Paris, Mercure de France, 1972, 447p.

ECO, Umberto, **La production des signes**. Paris, LGF, 1992, 126 p.

_____, Le **signe**. Paris, LGF, 1988, 277 p.

_____, Les **limites de l'interprétation**, Paris, LGF, 1992, 413 p.

ELIADE, Milcea. **Le mythe de l'éternel retour**. Paris, Gallimard, 1969, 182 p.

FOUCAULT, Michel, Les mots et les choses. Paris, Gallimard, 1966. 400 p.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Livro de domínio público. E-book, publicado em 30/11/2012. Tam. 947. Ed. Kindle.

Enviado 12/02/2019

Aceito 21/06/2019